

## Mobilização Inútil

Cel Art QEMA  
MÁRIO JOSÉ SOTERO DE MENEZES

### As Três Correntes

É grande a falta de objetividade com que se discute sobre mobilização, em certos círculos.

Encontramos normalmente três correntes as quais, se chegarem a preponderar entre nós, poderão eventualmente causar à Nação um mal, que nos faz tremer só em tentar imaginá-lo.

A primeira acha que mobilização é um assunto hermético, complexo e inacessível ao comum dos homens, devendo ser manipulado apenas por meia dúzia de iniciados.

A segunda crê, ao contrário, que tudo é mobilização, inconscientemente baseada, talvez, no radicalismo de extrema direita de Ludendorff (“A Política deve servir à Guerra”) ou na deformação político-ideológica oposta, de Lênine, (“A Paz é a continuação da Guerra por outros meios”).

Os adeptos da “mobilização hermética” adotam uma posição cômoda: o problema não é deles já que, tendo algumas poucas pessoas atribuições específicas relacionadas com a mobilização, às demais nada cabe senão ignorar o assunto. E nada se faz. Mobilização inútil.

A “Mobilização Ludendorff” aparece, às vezes, sob a capa de Mobilização para o Desenvolvimento com o pretexto de que, se o último produz segurança, e se queremos esta, devemos mobilizar-nos para o desenvolvimento e tudo ficará resolvido. O sofisma se destrói quando nos lembramos que o Desenvolvimento é um dos objetivos nacionais permanentes e,

assim, deve ser, e é, perseguido continuamente pelo governo. Mais ainda: Considerando a convicção generalizada de que o Brasil se desenvolveu espetacularmente no último decênio, não podemos fugir da opção: ou já houve a famosa Mobilização para o Desenvolvimento, e não há porque inventá-la, ou não houve, e não é necessária. Mobilização inútil.

Outras vezes a “mobilização Ludendorff” aparece honrando seu patrono. Segundo seus profetas, as ações correntes de governo devem permanentemente sofrer o crivo do que chamam mobilização: se há interesse para futuras operações militares em determinada linha de ação, esta deve ser adotada. Também, a prioridade nos investimentos de governo deve ser dada àqueles que sirvam simultaneamente ao Desenvolvimento e à Segurança.

Para tornar exequível este último tipo, obviamente seria necessário que a estrutura de mobilização fosse a do próprio governo. Então, a estrutura governamental já existente é que funcionaria, trocando-se apenas as prioridades atuais (sociais e econômicas) pelas do tipo Ludendorff. Mobilização inútil.

Uma terceira corrente acha “apenas” que estão ultrapassados os dias da mobilização. Talvez ainda embevecidos com o último livro que leram, seus integrantes recitam frases de efeito sobre o “Amanhã Incerto do Poder Militar” ou sobre a “guerra de botões” ou ainda sobre o “tempo nulo de reação” concluindo, primeiro, que devemos estar preparados já, agora, para a guerra ou nos aguarda a destruição e, segundo, que o conceito de mobilização deve ser abandonado pelo de prontidão. Na ânsia de transplantar para nós estas teses — ainda não aceitas integralmente nem no Hemisfério Norte onde tiveram origem — esquecem de ler os jornais, que só mostram outras guerras, emergências e ameaças que não as de seus livros. Para eles a mobilização, pior do que inútil, não existe. Olvidam que:

— Uma nação que não seja grande potência não pode atingir um estado de prontidão para fazer face a

qualquer emergência, porque tem que dar prioridade ao Desenvolvimento na distribuição de seus limitados recursos humanos e materiais;

- Na hipótese de uma guerra, o inimigo provável será aproximadamente do mesmo nível de poder nacional, ou o país terá que utilizar o recurso das alianças; em qualquer caso, a mobilização será imprescindível, como nos ensina a História.
- As duas superpotências, nações que estão mais próximas da prontidão, têm eficientes mecanismos de mobilização. O mesmo se dá com Israel, talvez o país mais ameaçado de desapropriação da face da Terra, e com a Suécia e a Suíça, secularmente neutras.

## O Equilíbrio

Parece que se pode adotar uma posição mais equilibrada.

A mobilização deve ser encarada como um mecanismo pelo qual o Estado obtém, nas emergências, os meios de que não pode dispor permanentemente para prover segurança à Nação.

E por que não pode o Estado dispor normalmente destes meios? Simplesmente porque, como sabemos, dá-se prioridade ao Desenvolvimento — que conduz mais diretamente ao Bem Comum, síntese das aspirações e interesses nacionais — embora seja destinado “um mínimo de recursos para a segurança indispensável”. Quando surgem situações de emergência, entretanto, crescem subitamente as exigências da Segurança e é necessário, de um lado, *transferir* urgentemente para a realização das ações de segurança parte dos meios, humanos e materiais, que estavam voltados para o Desenvolvimento e, por outro lado, *produzir* recursos adicionais, em ritmo veloz. Isto é útil e é Mobilização.

## Mobilização e Desenvolvimento

Há na Mobilização, tal como no Desenvolvimento (daí, talvez, a confusão), uma transformação de potencial em poder. Há três diferenças básicas, porém:

- 1.º — Na Mobilização a transformação é acelerada e compulsória;
- 2.º — Na Mobilização a transformação procura fortalecer aquela parte do Poder Nacional que será mais diretamente aplicada, enquanto que no Desenvolvimento, por definição, procura-se o aperfeiçoamento harmônico e equilibrado de todas as expressões do Poder;
- 3.º — A Mobilização visa a uma situação de emergência e, portanto, é eventual, enquanto que o Desenvolvimento visa ao Bem Comum e, em consequência, é objetivo permanente.

## Mobilização e Segurança

Confunde-se, também, Mobilização com Segurança. É o caso dos que julgam necessário classificar como Mobilização a desejável introdução do fator Segurança em determinados planejamentos de governo. Em nosso País, por exemplo, há representantes das Forças Armadas em alguns colegiados da Administração Federal, para facilitar a consideração daquele fator nos estudos setoriais. São exemplos os conselhos de petróleo, trânsito e cartografia. Para os estudos globais que digam respeito à Segurança Nacional, há o CSN que tem como membros, além de outros, todos os ministros de Estado.

Todos esses órgãos têm condições de analisar os assuntos também sob o aspecto Segurança Nacional, que será ou não decisivo, mas sempre levado em conta. É preciso muito esforço de imaginação para chamar isto de mobilização.

## Um Elo de uma Cadeia

A Mobilização pode ser trabalhosa, mas não complexa. Não é tão abrangente como o Desenvolvimento ou a Segurança. Não é assunto hermético, nem tabu. É apenas um dos elos de uma cadeia sem fim que começa na fixação das hipóteses de guerra (ou situações de emergência previsíveis), passa pelo estabelecimento dos planos militares (ou equivalentes) e inclui os estudos logísticos correspondentes, os quais terminam por fixar, pormenorizadamente, as necessidades. Recebidas estas últimas é que a Mobilização pode *começar* a trabalhar objetivamente. Antes, nunca.

A cadeia prossegue. Cabe à Mobilização, após tentar alcançar a obtenção, no País ou no exterior, dos meios necessários nas condições exigidas, por transferência ou produção, fazer a retro-alimentação na cadeia, causando a modificação dos planos militares (ou equivalentes) normalmente por conterem excessivamente ambiciosas exigências de meios ou, menos comumente, por serem tímidos. Com os novos planos militares, serão feitos outros estudos pela Logística, a qual dará necessidades atualizadas à Mobilização e, assim, sucessivamente.

A cadeia não pode parar porque a conjuntura vai se alterando e é necessário rever os planos continuamente. As próprias hipóteses de guerra (ou situações de emergência previsíveis) podem se modificar, como é sabido.

### Mobilização Militar

*Foças Esquadras - mobilização*

Não poderão ser sequer *iniciados* os trabalhos de mobilização militar, por exemplo, antes de serem:

- Fixadas as hipótese de guerra;
- Estabelecidos os planos militares pormenorizados, correspondentes a cada hipótese;

- Realizados os cálculos logísticos minuciosos das necessidades de recursos, humanos e materiais, para executar e apoiar cada um daqueles planos.

Os trabalhos não poderão *prosseguir* se:

- Não funcionar um mecanismo, basicamente civil, de determinação das possibilidades de obtenção, por transferência ou produção, dos meios necessários;
- Não houver uma coordenação, entre os setores militar e civil da Mobilização, que permita e facilite a retroalimentação.

### Acusações, Desculpas e Pretextos

Em alguns países, há acusações recíprocas entre os setores civil e militar da Administração:

- Os órgãos civis dizem não poder trabalhar em mobilização porque os militares não informam suas necessidades;
- Os órgãos militares asseguram não poder planejar porque não sabem quais os recursos com que podem contar.

Há ainda desculpas relacionadas com a falta de orientação “nacional” sobre Mobilização.

Este impasse só pode ser rompido se nos lembrarmos de que há uma CADEIA, já referida, a ser posta em movimento, não importando o elo onde vai ser aplicada a força inicial.

Devemos também focar a Mobilização como um sistema, com suas ligações e retro-alimentação, que deve ser posto a funcionar. É impossível começar com todos os seus órgãos já funcionando: há que ser dada a partida por alguém.

Sendo os militares, por vocação e formação, mais aptos a lidar com os problemas relacionados com a Segurança Nacional, assunto a que somos também mais sensíveis, parece que nos cabe tomar a iniciativa, cada um no setor em que trabalha, para pôr a cadeia a girar ou o sistema a funcionar.

Só assim não correremos o risco de sermos acusados de desídia pelas gerações futuras, se surgir a necessidade — que Deus não permita — de se decretar uma mobilização, inútil por não ter sido planejada e, muito menos, preparada.

A cada nova guerra surgem outras dimensões nos campos da tática e do armamento. Assim sendo, as atitudes rígidas ou inflexíveis para com a arte de combater certamente são perniciosas à eficiência em combate. O comportamento humano irá determinar grandemente o curso da batalha. Desta forma, nunca será demais acentuar a necessidade de uma judiciosa seleção dos homens, principalmente dos líderes.